



PALAVRA-CHAVE: DESDOBRAMENTOS ENTRE PALAVRA E IMAGEM

KEYWORDS: UNFOLDINGS BETWEEN WORD AND IMAGE

Beatriz de Araújo Gurgel¹
Instituto Federal do Ceará
Associado/a/e ANPAP: Não

Rafael de Sousa Carvalho²
Instituto Federal do Ceará
Associado/a/e ANPAP: Sim

RESUMO

O presente estudo é um desdobramento da catalogação realizada na exposição “Se Arar”, na qual foram registradas obras em que se percebia a intersecção entre as artes visuais e a escrita. Nesta nova etapa da pesquisa, o enfoque está em dedicar tempo à compreensão do que esse encontro entre linguagens é capaz de evocar, tendo como ponto de partida a referida exposição cearense. Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se a partir da leitura das imagens e do estabelecimento de paralelos entre as obras da exposição e produções de outros artistas e autores, incorporando também as percepções pessoais dos pesquisadores a partir das obras analisadas. Como resultado, foi possível observar que esse encontro entre linguagens possibilitou a abertura de diversos caminhos, sensações e percepções, que seriam completamente diferentes caso as linguagens estivessem dissociadas.

Palavras-Chave: Ceará. Artes visuais. Palavra. Encontro. Intercessão.

ABSTRACT

This study is a development stemming from a cataloging carried out during the exhibition Se Arar, in which artworks were documented that revealed an intersection between visual arts and writing. In this new stage of the research, the focus is on dedicating time to understanding what this encounter between languages is capable of evoking, taking the aforementioned exhibition in Ceará as a starting point. Methodologically, the research was developed through image readings and parallels drawn between the exhibition's artworks and productions by other artists and authors, also incorporating the researchers' personal perceptions based on the analyzed works. As a result, it was possible to observe that this convergence of languages enabled the emergence of various paths, sensations, and perceptions — which would be entirely different if the languages were dissociated.

KEYWORDS: Ceará. Visual arts. Word. Encounter. Intersection.

¹ Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará - IFCE e em Administração pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Atualmente trabalha como auxiliar educativo da Pinacoteca do Ceará, é artista visual e arte-educadora. E-mail: beatriz.araujo.gurgel@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9477377771379880>. Fortaleza - CE, Brasil.

² Mestre em Artes (2019/IFCE). Docente no Curso de Licenciatura em Artes Visuais e Técnicos Integrados no IFCE Campus Fortaleza. Pesquisador e Artista visual expondo desde 2013 de forma individual e coletiva, transitando entre desenho, fotografia, performance, videoperformance e livro de artista. Coordenador do Risco - Laboratório de Desenho (IFCE/CLAV). Membro do Grupo de Pesquisa Arte Um. Contato: rafael.carvalho@ifce.edu.br



Introdução

A presente pesquisa é desdobramento de uma catalogação de obras da exposição *Se arar*, na qual foram investigadas as obras em que a escrita aparecia em confluência com as artes visuais. O enfoque inicial da pesquisa esteve em compreender em quais circunstâncias a escrita surge em obras de artes visuais iniciando a partir de um levantamento histórico-bibliográfico atravessado por referências como Veneroso (2002) que aponta as transformações ocorridas no mundo da arte a partir do século XX, quando se intensifica as dissoluções de fronteiras entre as linguagens, e essa intercessão passa a ocorrer de forma mais frequente.

Essa primeira etapa evidenciou a ausência de dados direcionados às obras de artistas cearenses, aparecendo nas referências estudadas a partir de Ana Lúcia Beck (2004) por meio de José Leonilson, que, apesar de ser um artista cearense, viveu boa parte da vida em São Paulo. Diante desta lacuna, passei a pesquisar a exposição *Se arar* na Pinacoteca do Estado do Ceará, que tinha por objetivo grafar uma possível história da arte contextualizada no Ceará e suas contiguidades. A exposição contava 188 obras de artistas de diferentes épocas e técnicas (Pinacoteca, 2022).

A partir da catalogação realizada, os dados foram organizados e tratados em planilhas, permitindo constatar que 25% das obras expostas apresentavam a presença da escrita para além do título e ficha catalográfica, denotando uma expressiva presença. No entanto, após essa primeira análise, algumas perguntas persistiram. O que move a pesquisa no presente momento é dedicar tempo para observar os dados obtidos, agora no entanto, a partir de um outro viés, buscando investigar o que essa relação entre linguagens é capaz de propiciar.

A pesquisa é desenvolvida a partir da leitura de imagens das obras catalogadas, que instigam paralelos com a literatura através de Afonso Cruz (2020) e Horácio Dídimo (2003), além de estabelecer relações com as definições de palavras e expressões linguísticas através das palavras em estado de dicionário. As análises também são atravessadas por Élide Tessler (2002), Paulo Bruscky (1977 e 1978), Leonilson e outros artistas atuantes no estado e que não integraram a exposição analisada, como



Alice Cadena (2016) e Jean dos Anjos (2016), tornando a exposição um ponto de partida para as análises apresentadas.

Evidencia obras produzidas no Nordeste do Brasil que evocam a presença da escrita em consonância com as artes visuais. A partir destas obras, o presente estudo analisa e discute os frutos desses encontros, que reverberam no corpo e nos sentidos do espectador, explicitando que alguns desdobramentos só são possíveis a partir dessa interstício e contíguo entre-imagens (Bellour, 1997) e entre linguagens as quais, se apresentadas separadamente, não iriam possibilitar os mesmos sentidos.

Palavra-Chave

Qual a função da escrita nessas obras? Aliás, "função" pode não ser o termo adequado para contemplar o que propomos, este termo aduz ao livro *Vamos comprar um poeta* (2020), uma ficção de Afonso Cruz, que contorna e torna visível um mundo onde tudo é mensurável através de números e valores monetários, os personagens se perguntam quanto vale um poema? "O que é que este poeta faz? / Poemas, respondi eu. / Para que servem? / Para muitas coisas. Há poemas que servem para ver o mar." Alguns valores não são mensuráveis, são da ordem do sensível e do inefável.

Função é uma palavra que pode designar a utilidade de algo, algo próximo ao seu valor. Talvez nesse caso não seja o termo mais apropriado para descrever o que esta pesquisa intenta. Renata Andrade Frota (2022) nos apresenta a desimportância como termo que permeia, por exemplo, os poemas de Manoel de Barros (1916 - 2014), que através da poesia dá atenção às coisas que fogem à lógica pragmática de utilidade. Uma pedra, uma lata, um cisco, uma árvore, um menino.

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
e que você não pode vender no mercado
como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros, serve para a poesia (Barros, 2019 , p.10)

Enquanto falamos de escrita, dedicar tempo para compreender os significados das palavras parece fazer sentido. Escolher os termos adequados para aquilo que propomos. Então não estamos falando de função, mas algo do campo das



desimportâncias. Buscamos compreender o que a escrita evoca ao estar presente em cada obra, ela adiciona ou modifica os significados? Ela tensiona o corpo de alguma forma? O que a escrita move? O que é possível com a escrita? O que faz a escrita nas artes visuais?

Nas obras *O que é arte? Para que serve?* (1978) e *Poesia Viva* (1977) de Paulo Bruscky, por exemplo, as palavras ganham vida e outras dimensões. Por meio do corpo do artista/performer as letras se embaralham, caminham pelas ruas, encontram o outro, se configuram e reconfiguram. É possível vestir uma letra? Escrever com o corpo? Por que fazer isso? Paulo Bruscky também subverte a função do jornal e invade a categoria dos classificados com intervenções artísticas, coloca a palavra/obra no correio e faz com que, através da arte postal, a palavra também possa viajar e encontrar o outro distante. Parece que, através das obras do artista, a escrita toma outras dimensões e possibilidades. O que ventila a intenção com sentido nesta pesquisa é compreender que possibilidades são essas.

A palavra chave
já não fecha
nem abre

A palavra amor
muda de cor

A palavra verde
amadurece

A palavra ave
voa no papel
(Dídimo, 2003, p. 11)

Palavra-chave segundo o dicionário Oxford (2024) é um termo utilizado para identificar elementos correlatos para fins de pesquisa, traduz e identifica o sentido de um contexto e pode também provocar uma determinada operação em um computador. Élida Tessler condensa a ideia e a imagem desse termo na obra *Palavras-chaves* (Imagem 1), ao gravar no tecido do metal, evidenciando na sequência de chaves, elas, as palavras deslocadas de obras literárias rumando ao clavicular.



Imagem 1. Palavras-chaves de uma terra desolada. 2002 Élide Tessler. Disponível em: <https://www.elidatessler.site/palavras-chaves>

Que “operações” uma palavra pode desencadear ao compor uma obra de arte visual? Que portas essas palavras-chaves são capazes de abrir ao estarem presentes em uma obra? Palavras podem abrir caminhos, possibilitar novas ações, emoções e experiências, mas também podem delimitar. Quando retiradas de seu local habitual, podem transfigurar-se em poesia. Como na obra de Afonso Cruz (2020) onde a palavra pode servir para ver o mar, ou se transformar em janela. Por outro lado, palavras inseridas em uma obra também podem limitar; um título por exemplo pode direcionar a compreensão de uma obra “Afiml, janelas e portas não só abrem como fecham. O desafio de toda dobradiça é poder ao mesmo tempo abrir e fechar.” (Schuback, 2022).

Palavra de ordem

Palavras de ordem podem ser compreendidas como expressões ou frases que evocam uma pauta política, que reúnem e possuem a capacidade de mobilizar a população, são palavras poderosas capazes de mover e aglutinar, sintetizar um desejo ou uma indignação/provocação. Geralmente são frases curtas, fáceis de serem repetidas, compreendidas e disseminadas.

Em algumas das obras catalogadas, a escrita parece evocar a ideia de uma palavra de ordem, um convite à luta política. A obra *AGITPROP* (2015 - 2021), de Aline



Albuquerque, reúne uma coleção de palavras de ordens (no plural), criando uma grande massa de desejos, aglutinando uma série de reivindicações e anseios. Já a obra *Vive* (2020), de Iago Barreto evoca a memória viva de povos e lideranças indígenas brasileiros, como um convite à luta pela preservação dessas existências. A obra *Bolsa ócio já!* (2014), do artista Solon Ribeiro, através de uma flâmula e uma frase, tensiona o sistema produtivo vigente (imagem 2).



Imagem 2. Compilação do autor. Obras: *Vive* 2020 Iago Barreto. *AGITPROP* 2015 - 2021 Aline Albuquerque. *Bolsa ócio já!* 2014 Solon Ribeiro. Acervo pessoal.

Já na obra *Tem que sair* (2019), de Júnior Pimenta (Imagem 3), em uma contraposição às obras anteriores, as palavras surgem evocando uma outra ordem que se estabelece a partir outras instância de poder. Neste caso não estamos mais falando do poder popular, mas sim do poder associado aos crimes e as facções.

Aqui, os verbos no imperativo não são um convite à luta política, mas sim como instrumentos que determinam essa outra ordenação, essa outra lei. Estabelecem normas e regras de conduta “Sai fora porra vai morrer” ou, como vemos nas ruas comumente ordenando que os motoqueiros retirem seus capacetes e os motoristas abaixem os vidros e liguem as luzes ao entrar em uma favela. A cor vermelha do tecido que cobre as fotografias pode evocar a memória de sangue e violência, enquanto o gesto de cobrir as imagens pode evocar uma tentativa de esconder e acortinar realidades dentro de uma cidade. O tecido vermelho sobre as imagens pode



também remeter aos corpos mortos cobertos por tecidos nas calçadas, ou à cortina de um teatro, que espetaculariza até as tragédias, revelando assim uma Sociedade do Espetáculo (Debord, 1997).



Imagem 3. Compilação do autor. Obras: Tem que sair 2019 Junior Pimenta e Zine de Alice Cadena 2016. Acervo pessoal.

“A Fortaleza que você não quer ver grita sobre abandono e medo. Os avisos nos muros existem para serem vistos e, sobretudo, obedecidos.” (Cadena, 2016, citado em Descoletivo, 2016). Alice Cadena, artista cearense que não integrou a exposição *Se Arar*, produziu uma zine em 2016 para compor a coleção intitulada *Séries sobre o sutil*, em que mistura fotografias de paredes pixadas com ordenações feitas por facções criminosas, colocadas em paralelo a imagens de carros de polícia. A obra evoca a percepção da existência de duas ordens de poder, estabelecendo um diálogo com a produção de Júnior Pimenta.

A publicação da coleção de zines foi feita com apoio de edital público, através do coletivo de arte cearense intitulado Descoletivo. Tinha por objetivo trazer os encontros provocados pela fotografia através da paisagem urbana de Fortaleza, mantendo a cidade como ponto de partida para as produções (Porto Iracema das Artes, 2016). Essas palavras de ordens evocam um tipo de corpo, de comportamento, evocam



emoções como medo e raiva, e provocam tensionamentos sobre as formas de se habitar uma cidade.

Palavra: Cidade

As escritas presentes nas obras de Alice Cadena e de Júnior Pimenta, por meio do pixo, marcam presença em boa parte das paisagens urbanas contemporâneas no Brasil. As escritas tomam conta das ruas por meio de placas, pixos, graffitis e lambe-lambes, estando presentes nos ônibus, nas paredes, nos carros, no asfalto e em onde mais seja possível imaginar. A cidade, então, ganha espaço nesta pesquisa.

cidade

substantivo feminino

1.

aglomeração humana localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas com a exploração direta do solo; urbe. (Oxford, 2024, n.p.)

Quais são essas palavras que fazem parte do nosso cotidiano e que significados carregam consigo? Quais motivos justificam, por exemplo, a criação de uma rua com o nome de um ditador? Movimentos sociais e artísticos tensionam essas palavras urbanas, rebatizam essas ruas e atribuem novos nomes a esses espaços. “O rebatismo é um ato de disputa em torno de uma memória” (Aparecidos Políticos, 2015, p.22). Uma (re)montagem entretecida - um tipo de palimpsesto.

Em Fortaleza, atua um coletivo denominado Paralelas (Imagem 4), que não faz parte da exposição catalogada, mas que propõe a realização de alguns rebatimentos utilizando a técnica do lambe-lambe, disponibilizando o modelo gratuito e aberto ao público que também deseje propor o rebatismo de uma rua com o nome de Cristina Poeta. O coletivo atua principalmente por meio dessa técnica, criando tensionamentos políticos na paisagem urbana, ora por meio de palavras de ordem e questionamentos diretos, ora através da poesia de escritoras mulheres.

Através dessas proposições, o coletivo instiga novas possibilidades para essas paisagens. A presença do lambe-lambe dialoga com as inúmeras propagandas



coladas nas paredes e postes das ruas, que invadem a visão dos transeuntes e oferecem serviços diversos, promessas como “Trago seu amor de volta”. Neste caso, a poesia e os tensionamentos invadem a vida cotidiana, irrompem o fluxo da cidade e atravessam os olhos de quem passa ou espera o ônibus chegar.

Rua Cristina Poeta

(1974-2017) líder comunitária engajada na defesa dos direitos das comunidades, usava seu dom com a poesia para falar de cultura, resistência, saúde, educação e segurança pública para o seu povo. Covardemente assassinada, atacada de forma brutal em uma parada de ônibus, no dia 10 de novembro de 2017.

60533-590 Genibaú

Imagem 4. Rebatismo por Paralelas. Fonte: <https://www.instagram.com/paralelas.art.br/>. 2022

Este movimento de invadir o cotidiano remonta às artes classificadas de Paulo Bruscky, que invadem as palavras miúdas da seção dos classificados do jornal e nos colocam diante de uma manifestação artística, política e poética, igualmente provocando tensionamentos onde costuma-se encontrar anúncios publicitários. De forma geral, a arte urbana quase sempre opera dessa forma, porque não é possível escapar dela; por essência ela invade/irrompe o cotidiano. Está no meio do caminho. Ela não é buscada ativamente pelo receptor, mas se posiciona ali, como um obstáculo na passagem ou, ainda, como um convite.

Em algumas das obras catalogadas na exposição, a escrita aparece como um elemento presente na paisagem, fazendo parte de sua composição. Como na pintura *sem título* (1981) de Chico Ribeiro, na qual a escrita aparece no letreiro de um circo compondo a cena de uma praça aparentemente de uma cidade do interior. Na pintura também *sem título* (1975) de R. Kampos a escrita aparece presente em uma placa que diz “Praça dos artistas” também compondo a paisagem retratada. A escrita surge nessas obras como parte integrante na configuração de uma paisagem, assim como é possível perceber nas paisagens contemporâneas urbanas.



Já na obra *E o bonde andando* (2004), o artista Francisco Bandeira utiliza da intervenção de xilogravura sobre uma fotografia para recriar uma paisagem urbana. Nesta obra a escrita aparece contribuindo para a reformulação dessa paisagem, assim como faz a arte urbana nas ruas de uma cidade. A escrita aparece na frente de um veículo com os dizeres “Trio elétrico fortal”, criando assim a imagem de uma realidade inventada.

A mesma proposta é possível perceber na obra *Por terra, água e comunicação* (2020) de Fluxomarginal, que pinta sobre uma fotografia a imagem de uma pessoa portando uma bandeira com os dizeres que dão título à obra, inserindo uma figura inventada na paisagem real (Imagem 5). Tais obras são exemplos de como reimaginar paisagens através da arte e da escrita em consonância.



Imagem 5. Compilação do autor. Obras: *E o bonde andando* 2004. Francisco Bandeira. *Por terra, água e comunicação* 2020 Fluxomarginal.

Resposta Selvagem (2016) de Patrícia Araújo (Imagem 6), propõe uma intervenção direta na paisagem urbana. O díptico exposto apresenta registros fotográficos de lambe-lambes aplicados sobre tapumes e ruínas de construções desocupadas. Na obra, por meio da palavra, a artista “passa por cima” de grandes construções, propondo uma resposta da natureza ao modo de ocupação humana nos grandes centros urbanos. (Patrícia Araújo. s.d) A escrita evoca uma presença, uma única palavra se torna capaz de nos lembrar aquilo que a natureza é capaz. Evoca sons, ruídos, imagens e temperaturas. A palavra é bastante figurativa e direta, representa



algo que conhecemos e sabemos o que pode provocar. É possível imaginar, de forma bastante nítida, a chegada de um furacão e o que poderia acontecer com aquela paisagem. Apesar de nesta obra haver uma intervenção direta na paisagem, aqui a palavra opera também por meio de evocar uma possibilidade de futuro, algo que pode vir a ser.



Imagem 6. Resposta selvagem. 2016. Patrícia Araújo. Acervo pessoal.

Um convite, uma carta, um segredo

Na primeira análise da catalogação, a obra *sem título* (2011) de Maíra Ortins (imagem 7) instigou um convite ao movimento, como se propusesse para o corpo do espectador uma dança. A escrita que por vezes era pequena e escondida, rotacionava junto com linhas da imagem convidando o espectador a se movimentar para conseguir ler o texto que se escondia e se misturava com a imagem. Quase como um desafio, ou uma dança a dois entre a palavra e quem lê.

Leonilson, que não estava na exposição, também propõe situação semelhante, escreve letras miúdas e faz com que para ler seja preciso chegar bem perto (Acho



bonita essa provocação). É interessante principalmente porque os dois trabalhos trazem temáticas íntimas, algo que se aproxima de um segredo, do que não deve ser dito de forma explícita ou gritado aos quatro ventos. Para ler é preciso chegar junto, se esforçar, desafiar a vista.

Na zine *Laroyê!* de Jean dos Anjos (2016) o artista também provoca movimento através do encontro entre texto e imagem. Nessa obra (imagem 7), o texto, diagramado de forma circular e sobreposto a fotografias, induz que o leitor gire o papel para poder conseguir realizar a leitura. Em fala pública realizada em 2017 na Escola Porto Iracema das Artes, o artista ao discorrer sobre a zine explicou que essa proposição havia sido intencional para remeter ao movimento das Pombas-giras, entidades que o artista estuda e que é elemento central desta publicação.

Seguindo a premissa de obras que convidam o corpo ao movimento, a obra *Karaokê* (2011) de Cláudio César (imagem 7), também nos convida ao olhar atento e ao corpo próximo. As palavras se escondem entre recortes de bilhetes e caixas de remédios, ocultos e encobertos na festa retratada. O corpo encontra dificuldade na leitura, e a palavra vai nos contando pistas desse karaokê. A escrita aparece também pintada com tinta branca em letras pequenas que se confundem com as linhas do quadro.



Imagem 7. Compilação do autor. Obras: Sem título, 2011, de Maíra Ortins. Laroyê!, 2016, de Jean dos Anjos e Karaokê, 2011, de Cláudio César. Acervo pessoal.



A obra, além de evocar tensionamentos do corpo, também é capaz de provocar sensações sonoras e olfativas associadas ao encontro ruidoso entre escritos, pinturas e colagens. Como se estivéssemos ali diante do caótico ambiente de uma vida noturna, criando um campo sensorial complexo, capaz de evocar memórias, sons, movimentos e até cheiros, como se tentasse condensar todas as linguagens possíveis reunidas, como Barthes (1987) no livro *O prazer do texto*.

Uma noite, meio adormecido sobre uma banquetta de bar, eu tentava por brincadeira enumerar todas as linguagens que entravam em minha escuta: músicas, conversações, ruídos de cadeiras, de copos, toda uma estereofonia da qual uma praça de Tânger (descrita por Severo Sarduy) é o lugar exemplar. Em mim isso também falava (é coisa conhecida), e essa fala dita “interior” parecia muito com o rumor da praça, com esse escalonamento de pequenas vozes que me vinha do exterior: eu mesmo era um lugar público, um souk; em mim passavam as palavras, os pequenos sintagmas, as pontas de fórmulas, e nenhuma frase se formava, como se fosse a lei desta linguagem. (Barthes, 1987, p.82)

É somente através deste intenso e ruidoso encontro entre-imagens (Bellour, 1997) que esses desdobramentos se tornam possíveis. Dissociados, os elementos que compõem a obra não teriam o mesmo resultado. O texto, então, não é um acessório supérfluo à obra, mas sim um elemento fundante.

Considerações: Na ponta da língua

Em resposta ao que instiga esta pesquisa, nas obras aqui apresentadas é possível perceber que a escrita se tornou uma guia para diversos caminhos, provocando, por meio da intersecção com as artes visuais, sensações, movimentos, convites, estados corporais, sons e cheiros. A escrita, que em algumas situações expande os sentidos e possibilidades de uma obra, em outras limita e demarca significados, ou como nas obras de Júnior Pimenta e Alice Cadena, determina até o modo de se portar.

O que possibilitou perceber esses fenômenos nas obras analisadas foi o entrecruzamento entre linguagens; caso estivessem separadas, adquiririam outros sentidos. A pesquisa também evidencia conexões entre as obras presentes na



primeira catalogação, realizada na exposição Se Arar, e produções de outros artistas do estado, bem como de outras localidades, a exemplo de Paulo Bruscky, citado diversas vezes ao longo do estudo.

Embora não seja cearense, Bruscky é nordestino, e sua presença aponta para diálogos possíveis dentro de uma perspectiva ampliada da arte produzida no Nordeste do país. Invertendo a lógica tradicional onde a região, que é uma enorme potência artística do Brasil, é frequentemente esquecida e negligenciada, deixada à margem dos registros históricos. Aqui o Nordeste é ponto de partida e de chegada.

A exposição, neste estudo, tornou-se o princípio para uma instigação que não se encerra em si mesma. Não há como responder a tudo aquilo que a escrita é capaz de evocar ao estar presente dentro de uma obra, a verdade é que esse resultado depende muito de quem vê, assim como a leitura de um poema, que acontece mais dentro de cada um do que na gramática com que se escreve. Com o olhar atento, a frase escrita na parede se transforma em janela com vista para o mar.

Referências

ANJOS, Jean. Laroie! In: OLIVEIRA, Marília; AMORA, Régis (Org.). Descoletivo. Séries sobre o sutil. Fortaleza: Secultfor, 2016. CADENA, Alice. In: OLIVEIRA, Marília; AMORA, Régis (Org.). Descoletivo. Séries sobre o sutil. Fortaleza: Secultfor, 2016.

APARECIDOS POLÍTICOS. Minimanual da arte guerrilha urbana. 2015. Fortaleza. Disponível em: <https://ia801306.us.archive.org/14/items/MinimanualArteGuerrilhaUrbanaWeb_201602/Minimanual%20Arte%20Guerrilha%20Urbana%20web.pdf> Acesso em: 25 mar. 2025

BARROS, Manoel De. Matéria de poesia. 2019. 1ª ed. Rio de Janeiro : Alfabeta, 2019.

BARTHES, Roland. O prazer do texto. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1987.

BECK, Ana Lúcia. Palavras fora de lugar: Leonilson e a inserção de palavras nas artes visuais. Porto Alegre: Instituto de Artes / PPGAV, 2004.

BELLOUR, Raymond. Entre-imagens: foto, cinema, vídeo. Campinas: Papyrus, 1997.

CADENA, Alice. In: DESCOLETIVO (org.). Séries sobre o sutil. 2016.

CRUZ, A. Vamos comprar um poeta. Rio Grande do Sul: Dublinense, 2020.

DEBORD, G. A Sociedade do espetáculo seguido do prefácio à 4 edição italiana: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DÍDIMO, Horácio. O Passarinho Carrancudo. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

ELIDA TESSLER. Disponível em: <<https://www.elidatessler.site/palavras-chaves>>. Acesso em: 24 maio 2025.



FROTA, Renata Andrade; DE OLIVEIRA FILHO, João Vilnei. A desimportância como lupa: um processo de criação insignificante. Revista Nava, v. 8, n. 1, 2022.

OXFORD LANGUAGES AND GOOGLE - Portuguese | Oxford Languages. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>>. Acesso em: 23 maio. 2025.

PATRICIA ARAÚJO. Resposta selvagem. Site oficial da artista. Disponível em: <<https://www.patriciaaraujo.me/Resposta-Selvagem>>. Acesso em: 24 de mar. 2025.

PINACOTECA DO CEARÁ. Se Arar. Por Lucas Dilacerda, Cecília Bedê e Herbert Rolim Disponível em: <<https://pinacotecadoceara.org.br/exposicoes/bonito-para-chover/se-arar/>>. Acesso em: 26 de nov. de 2023.

PORTO IRACEMA DAS ARTES. Publicação “Séries sobre o sutil” será tema de fala com artistas realizadores. Disponível em: <<https://portoiracemadasartes.org.br/publicacao-series-sobre-o-sutil-sera-tema-de-fala-com-artistas-realizadores/>>. Acesso em: 24 maio. 2025.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante (org.)Arte e palavra [recurso eletrônico] : experiência de pensamento em ato do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ (1985-1990). – Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2022. 1 recurso eletrônico (313 p., il.) : digital

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. CALIGRAFIAS E ESCRITURAS: DIÁLOGO E INTERTEXTO NO PROCESSO ESCRITURAL NAS ARTES NO SÉCULO XX. Em Tese, [S.l.], v. 5, p. 81-89, dez. 2002. ISSN 1982-0739. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3425/3354>>. Acesso em: 29 fev. 2024.